

Encontro de velhos amigos

Italo Svevo

Tradução de Cláudia Farinha¹

Roberto Erlis provinha de boas famílias, mas modestas. Atingira e ultrapassara o seu trigésimo ano de vida em condições muito humildes. Depois - como costumava dizer - zangara-se, abandonando incertezas e sonhos, e lançando-se no mundo dos negócios com a determinação de quem não quer perder tempo. Fez bons negócios, primeiro devidos a uma boa dose de sorte e depois a uma astúcia resoluta e prática. No seu conjunto, ficou milionário à força de negócios em que todos lhe davam a impressão de não ter sido suficientemente esperto. Compreende-se que em mão tão insatisfeita haviam de ir longe. Casou-se, adquiriu cavalos, uma casa sumptuosamente decorada, parecendo-lhe ter resolvido o problema da sua vida. Sabe-se que a riqueza não resolve um problema desta natureza, mas a sua conquista e o sabor do sucesso conseguem preencher a vida mais vazia.

Aos 40 anos, tinha solucionado também o problema de ganhar cada vez mais trabalhando menos. Possuía um grupo de empregados que executava as suas ordens. Não fora por preguiça que havia abandonado o hábito de verificar ele mesmo a sua correspondência e contabilidade mas pela convicção de que ocupar-se de um pormenor lhe toldava a visão de todas as oportunidades que se lhe abriam no mercado. No passado, sonhara com a filosofia e a literatura. Agora sonhava com negócios, mas realizava-os logo. Geralmente, não se tem a ideia de que um bom sonhador possa transformar-se num grande homem de negócios. O risco fica no sonho e o sonho passa para a realidade. Sonhando-o, o risco vê-se e prevê-se melhor, e assim se evita. Erlis não conheceu as duras lições da realidade. Sonhou com a ruína demasiadas vezes para vir a sofrê-la. Até certas qualidades de literato lhe haviam sido úteis. Nas listas de preços descobrem-se negócios como no dicionário as ideias. De resto, quem anda longamente em busca de uma obra-prima, decerto se

Incontro di vecchi amici Italo Svevo

Roberto Erlis era nato di buona ma non ricca famiglia. Aveva raggiunto e oltrepassato il trentesimo anno d'età in posizione piuttosto umile. Poi - come soleva dire lui - s'era arrabbiato, aveva abbandonato ubbie e sogni e s'era gettato nella vita degli affari con la risolutezza di chi non vuol perdere tempo. Fece degli affari buoni da prima dovuti ad una bella fortuna e più tardi ad un'astuzia voluta e pratica. In complesso egli divenne milionario a forza d'affari di cui ognuno gli dava l'impressione di non essere stato abbastanza accorto. Si capisce che con un maestro talmente incontentabile egli doveva arrivare lungi. Si sposò, possedette dei cavalli, una casa sontuosamente arredata e gli parve di aver sciolto il problema della sua vita. Si sa che la ricchezza non scioglie un problema simile ma la conquista della ricchezza e la soddisfazione del successo sanno riempire la vita più vuota.

A 40 anni egli aveva sciolto anche il problema di guadagnare sempre di più lavorando di meno. Aveva un corpo d'impiegati che eseguivano i suoi ordini. Non era per poltroneria che aveva abbandonato l'uso di rivedere lui stesso la sua corrispondenza e la sua contabilità ma la convinzione che l'occuparsi di un dettaglio gli toglieva la visione di tutte le possibilità che per lui s'aprivano sul mercato. In passato egli aveva sognato filosofia e letteratura. Ora sognava affari ma li realizzava subito. Non si ha generalmente l'idea come un buon sognatore possa divenire un grande uomo d'affari. Il rischio resta nel sogno e il sodo viene nella realtà. Così sognando il rischio lo si vede e prevede meglio e lo si evita. Erlis non ebbe le dure lezioni della realtà. Sognò la rovina troppe volte per aver a subirla. Anche certe abitudini di letterato gli furono utili. Nel listino si scoprono gli affari come nel vocabolario le idee. Eppoi volendo lungamente attentare al capolavoro ci si abitua certamente alle

habitua aos costumes da formiga, e estes são muito úteis nos negócios.

Caminhava muito sozinho pelas ruas, como quando corria atrás das imagens. Tinha na belíssima mulher uma doce companhia que apreciava ouvi-lo falar dos seus negócios. Como bom literato, jamais contava a verdade rigorosa, e por isso a descrição dos seus negócios era menos aborrecida. Ao falar deles tornava a revê-los, e muitas vezes depois de os ter discutido com a mulher, apressava-se a corrigi-los, por tê-los compreendido melhor. Mas não é do seu sucesso que desejo falar. Queria apenas salientar que, tendo sido muito pobre, era agora muito rico e que tal facto grande satisfação lhe dava. Não é de crer que um sucesso que muda a vida de uma pessoa proporcione uma alegria de pouca duração. Esta alegria renova-se a cada instante. Para Erlis, tal acontecia sempre que podia cumprimentar de cima pessoas por cuja saudação ansiara no passado; ou de cada vez que via aparecer como humilde peticionário um amigo que outrora se julgara seu igual ou superior. Erlis praticava muita caridade, sem procurar a publicidade. Era um modo de sentir melhor o seu êxito. Empréstava dinheiro aos seus velhos amigos pobres sem exigir recibo. O gesto generoso sublinhava e acentuava o seu sucesso. Tinha um filho pequeno de quem se ocupava pouco, mas que amava muito. Ao transformar-se num homem de negócios, ficara-lhe o egocentrismo do literato. Não tinha tempo para os outros, e não se podia censurá-lo por isso pois era bom com todos. Tinha concebido ideias de liberdade para a mulher e para o filho, pelas quais ficava isento de participar demasiado intimamente nas suas vidas. Erlis via o filho uma vez por dia. Não tolerava que brincasse ao pé de si, porque as suas ideias eram perturbadas pelos desatinados ruídos infantis. Amava o filho, desejando-lhe o maior bem possível, mandando-o zelosamente vigiar, tratar e instruir por terceiros.

Erlis havia conservado outro hábito do antigo literato: andava muito pelas ruas. O seu pensamento amava o ritmo do passo: assim era impelido e retido, e mais bem analisado.

Um dia, no Corso, olhava distraidamente à sua volta, reflectindo como o custo de certas embalagens em certas alturas modificava o preço de uma mercadoria. Erlis recebia as mercadorias de comboio, embalava-as e reexportava-as. Agora as embalagens tinham aumentado mas isto só podia animá-lo na procura de um lucro maior e ele sorria vagamente ao seu lucro e ao seu sucesso.

«Tu em Trieste?» perguntou-lhe alguém que ele já devia ter visto mas não sabia quem era. Reconheceu-o: o velho Miller. Já não o via há uns dez anos. Contudo tinham sido muito amigos há muito tempo, quando Erlis era um rapaz e o velho, que agora deveria passar dos 70 anos, um homem já maduro. Miller era pai de um cunhado de Erlis. A irmã de Erlis tinha morrido muito jovem de parto, deixando uma menina que daí a poucos meses morreu de difteria. O viúvo abandonou a cidade e

abitudini della formica e quelle sono molto utili negli affari.

Camminava molto solo le vie come quando correva dietro alle immagini. Aveva nella bellissima moglie una dolce compagna che amava sentirlo parlare dei suoi affari. Da buon letterato egli non diceva mai la precisa verità e perciò l'esposizione dei suoi affari era meno noiosa. Parlandone egli li rivedeva ancora una volta e spesso dopo di averli svisati con la moglie, correva a correggerli avendoli capiti meglio. Ma non è del suo successo che voglio parlare. Volevo soltanto dire che essendo stato molto povero era ora molto ricco e che se ne compiaceva. Non è da credersi che un successo che cambia la vita di una persona dia una gioia di piccola durata. Questa gioia si rinnova ad ogni tratto. Per Erlis la gioia si rinnovava ogni qualvolta poteva salutare dall'alto in basso delle persone delle quali in passato aveva ambito il saluto; ogni qualvolta si vedeva capitare quale petente umile un amico che in passato s'era creduto suo uguale o superiore. Erlis faceva abbondanti carità senz'affatto ricercare la pubblicità. Era un modo di sentire meglio la sua riuscita. Prestava dei denari ai suoi vecchi amici poveri senza domandare alcuna ricevuta. Il gesto generoso sottolineava ed accentuava il suo successo. Aveva un bambino di cui s'occupava poco ma che amava molto. Mutatosi in un uomo d'affari gli era rimasto l'egotismo del letterato. Non aveva tempo per altri e non poteva derivargliene un rimprovero perché egli era buono con tutti. Aveva elaborato delle idee di libertà per sua moglie e per suo figlio per le quali era esonerato d'intervenire troppo intimamente nel loro destino. Egli vedeva il bambino una volta al giorno. Non tollerava che giuocasse accanto a lui perché le sue idee erano turbate dai rumori puerili incomposti. Amava il figlio augurandogli tutto il bene possibile facendolo accuratamente sorvegliare e curare ed istruire dagli altri.

Erlis aveva conservato un'altra abitudine dell'antico letterato. Camminava molto le vie. Il suo pensiero amava il ritmo del passo: Così era spinto e trattenuto e meglio analizzato.

Un giorno, in Corso guardava distrattamente intorno a sé e calcolava come il prezzo di certi imballaggi in certi istanti modificavano il prezzo di una merce. Egli ritirava certe merci in vagone, le faceva imballare sul posto e le riesportava. Ora l'imballaggio era aumentato ma ciò non poteva avere altra conseguenza che di spingerlo alla ricerca di un utile maggiore ed egli sorrideva vagamente al suo utile e al suo successo.

"Tu a Trieste?" gli disse qualcuno ch'egli aveva forse guardato ma non ravvisato. Lo riconobbe: Il vecchio Miller. Non lo aveva visto forse da dieci anni. Eppure erano stati molto intimi molti anni prima quando Erlis era un ragazzo e il vecchio che ora doveva contare oltre i 70 anni un uomo molto maturo. Miller era il padre di un cognato di Erlis. La sorella di Erlis era morta giovanissima di parto lasciando una bambina che pochi mesi appresso era morta anch'essa di differite. Il vedovo abbandonò la città, si

casou-se outra vez, separando-se assim as duas famílias quando os pais de Erlis ainda eram vivos. O velho Miller também devia ter passado muitos anos longe de Trieste, em casa do filho. Um pouco estranho e exigente - como Erlis soubera por amigos comuns - o velho não se dera bem com a nora e regressara a Trieste, subsistindo de uma reforma pequena mas suficiente para os seus gastos. Os Miller tinham sido importantes na juventude de Erlis. Aquele velho, como homem prático que era, diversas vezes o encorajara a abandonar os seus sonhos literários e a dedicar-se à vida prática. Também o jovem cunhado o aconselhara a encarar a vida com maior seriedade. Erlis havia tolerado os seus conselhos que então considerara errados por saber que o amavam. Da sua parte, ajudara-os fraternalmente nas suas muitas infelicidades. A última, a morte da menina, fez uma enorme impressão a Erlis, que descreveu e analisou o episódio várias vezes em esboços de contos que jamais terminou e ainda jaziam bem conservados numa sua gaveta cuja existência era ignorada inclusivamente pela mulher. À época ainda não era conhecido o medicamento eficaz que hoje torna muito menos perigosa a difteria nem se descobrira o modo de possibilitar a respiração do doente sem fazer essa operação tão grave que é a traqueotomia. A menina meio sufocada tivera de ficar horas à espera do médico. O velho Miller corria a cidade, gritando como louco: Obtinha a promessa de que o médico viria já e regressava a casa com a esperança de que a menina tivesse recuperado por si. Não suportava vê-la naquele estado e saía de novo para ir acordar outro médico. Finalmente às duas da manhã fez-se a operação e Erlis manteve a menina ao colo enquanto lhe abriam o pescoço. A pequena condenada reanimou-se logo e sorriu ao tio. Tinha seis anos e tendo vivido sempre na companhia dos adultos que para ela viviam, era um pouco tagarela e parecia uma senhora prematura. Agora já não podia falar por ter ficado afónica da operação, e aquele sofrimento mudo e discreto Erlis nunca mais o esqueceu. Morreu de manhã, com um esgar que podia ter querido ser um sorriso ou um pranto. Depois Erlis fez companhia ao velho e ao cunhado e chorou com eles.

A vida passara sobre tudo isto e entre ele e Miller já não havia nenhum ponto de contacto. Todavia, ao deparar-se com o velho, Erlis sentiu uma ligeira emoção: Não se lembrava muito dele, mas ao vê-lo recordava-se a si mesmo como havia sido noutra época. Recordava a sua própria juventude.

O velho parecia comovido por revê-lo e a Erlis foi fácil fazer um aspecto parecido. Deram um longo aperto de mãos e olharam-se nos olhos. A idade tinha realmente desgastado muito aquele corpo dantes tão sólido. Era pequeno e extraordinariamente franzino enquanto anos antes fora bastante robusto. Tinha a pele do rosto muito seca e enrugada e os olhos demasiado húmidos. A velhice é a maleita que mais provoca a nossa compaixão e Erlis esqueceu a questão que tanto o

sposò un'altra volta e così avvenne un totale distacco fra le due famiglie quando i genitori di Erlis erano ancora vivi. Anche il vecchio Miller doveva aver passato parecchi anni lontano da Trieste in casa del figliuolo. Un po' bizzarro ed esigente - come Erlis aveva appreso da certi amici comuni - il vecchio non aveva saputo andare d'accordo con la nuora ed era ritornato a Trieste ove viveva di una pensione non grande ma sufficiente ai suoi bisogni. I Miller erano stati importanti nella vita giovanile di Erlis. Quel vecchio da uomo pratico lo aveva qualche volta stimolato ad abbandonare i suoi sogni di letteratura e dedicarsi alla vita pratica. Anche il giovine cognato lo aveva spinto a maggiore serietà nella vita. Egli aveva tollerato le loro istruzioni che allora credeva sbagliate sapendo che lo amavano. Dal canto suo egli li aveva assistiti fraternamente nelle loro tante disgrazie. L'ultima, la morte della bambina aveva fatta una enorme impressione ad Erlis e l'aveva descritta ed analizzata più volte in certi abbozzi di novelle che non aveva mai terminate e che giacevano tuttavia indistutte in un suo cassetto la cui esistenza era ignorata persino dalla moglie. In allora non si era conosciuto ancora il medicinale potente che oramai rende tanto meno pericolosa la difterite e non si era ancora trovato il modo di rendere possibile la respirazione all'ammalato senza imprendere quella grave operazione della tracheotomia. La bambina mezza soffocata aveva dovuto attendere per delle ore l'arrivo del medico. Il vecchio Miller correva per la città urlando come un pazzo: Otteneva la promessa che il medico sarebbe venuto subito e ritornava a casa nella speranza di trovare che la bambina si sarebbe riavuta da sé. Non sopportava di vederla in quello stato e ritornava a destare qualche altro medico. Finalmente alle due di notte l'operazione fu fatta ed Erlis tenne in braccio la bambina mentre le aprivano il collo. Subito la piccola condannata si riebbe e sorrise allo zio. Aveva sei anni e avendo vissuto sempre in compagnia degli adulti che per lei vivevano era un po' chiacchierina e donnicciuola veramente precoce. Ora non poteva parlare essendo stata resa afona dall'operazione e quella sofferenza muta e composta non fu più dimenticata da Erlis. Morì alla mattina con una smorfia che poteva aver voluto essere un sorriso o un pianto. Poi Erlis aveva fatta buona compagnia al vecchio e al cognato e aveva pianto con loro.

La vita era passata su tutto ciò ed oramai fra lui e i Miller non v'era più alcun punto di contatto. Tuttavia trovandosi dinanzi al vecchio Erlis provò una lieve emozione: Non ricordava molto il vecchio ma vedendolo ricordava se stesso come era stato in altra epoca. Ricordava la propria gioventù.

Il vecchio parve commosso di rivederlo e ad Erlis riuscì facile di aver un aspetto simile. Si strinsero lungamente la mano e si guardarono negli occhi. L'età aveva veramente imperversato su quell'organismo altre volte tanto solido. Era piccolo e straordinariamente esile mentre anni prima era stato piuttosto forte. Aveva il viso dalla pelle asciutta e solcata e gli occhi un po' troppo umidi. La grande età è una malattia che provoca più di tutte la nostra compassione e Erlis dimenticò la quistione che tanto lo

preocupava, da relação entre a sua mercadoria e a embalagem.

Caminharam um ao lado do outro. O velho contara que tinha boas notícias do filho e informava-se: «Casaste? Quantos filhos tens?» e de repente em tom algo irónico: «E a literatura?» Erlis sorriu. A literatura já não o preocupava. Falou com estudada modéstia dos seus negócios, queixando-se de ter muito que fazer. A firma não tinha o seu nome e disse-o ao velho que, tendo sido comerciante, percebeu logo a sua importância e teve um arrepio. «Tu és o proprietário dessa firma?» A admiração era evidente e Erlis saboreou-a. Assim, recuperou facilmente o antigo afecto e seguiram juntos um bom bocado. O velho queixou-se da nora que o tinha afastado do filho. Agora vivia só de uma pequena reforma que os antigos patrões lhe tinham concedido. O filho ajudava-o abundantemente.

Era feriado, contudo Erlis foi retido na rua por amigos de negócios. Despedia-os depois de responder com segurança às perguntas que lhe faziam. O velho evidentemente admirava-o. «Tornaste-te um homem a sério» exclamou. «Se o teu pai te visse, como ficaria feliz!» Erlis também pareceu acreditar que o seu falecido pai se regozijaria ao descobrir no filho tal homem de negócios. Na verdade, nos últimos anos, o velho Erlis deixara-se convencer pelas ambições de Roberto e desejara vê-lo conquistar um grande nome nas belas-letas. Mas morto como estava, não protestava, e Miller decerto falava de boa fé. E depois não havia dúvida de que ao velho Erlis bastaria saber que Roberto era um homem forte. O sucesso era o mais importante, seja em que campo for. Assim haviam falado de tudo o que os unia e isto bastava para reatar os laços que a própria vida tinha feito e desfeito. O velho tratava-o por «tu» e ele, voltando aos hábitos juvenis, continuava a tratar o velho amigo por «você». Nem um nem outro sentiam a estranheza do facto. Contudo, ambos sabiam que dos dois só um tinha força - Erlis. Miller tinha sido um bom empregado e agora recebia uma reforma que - como dizia - lhe bastava. Tinha trabalhado toda a vida ao mando e explorado por terceiros e só nos últimos anos se arrependido de ter sido tão fraco e passivo. Estavam para se despedir quando Erlis teve uma ideia. «Porque é que não vem almoçar comigo?». O velho hesitou. Esperava-o para o almoço a senhoria, que lhe alugava a casa e lhe fazia a comida. Depois aceitou. Erlis era muito insistente e ao velho deu a curiosidade de conhecer a casa daquele jovem amigo que ele considerava milionário. Foram ao centro da cidade. Erlis não gostava de perder tempo a caminho dos seus negócios.

preoccupava del rapporto fra la sua merce e l'imballaggio.

Camminarono uno accanto all'altro. Il vecchio aveva raccontato di aver avute buone notizie dal figliuolo e s'informava: "Ti sei sposato? Quanti bambini hai?". Eppoi tutt'ad un tratto un po' sardonico: "E la letteratura?". Erlis sorrise. La letteratura non gli doleva più. Raccontò con modestia voluta dei suoi affari lagnandosi di aver troppo da fare. La sua firma non portava il suo nome ed egli lo disse al vecchio che essendo stato commerciante ne capì subito l'importanza e diede un balzo. "Tu sei il proprietario di quella firma?". L'ammirazione era evidente ed Erlis l'assaporò. Così ritrovò facilmente l'antico affetto e camminarono lungamente insieme. Il vecchio si lagnò della nuora che lo aveva allontanato dal suo figliuolo. Viveva ora solo della piccola pensione che i suoi antichi principali gli avevano assegnata. Il figliuolo lo aiutava abbondantemente.

Si era di festa ma tuttavia Erlis fu fermato sulla via da amici d'affari. Li congedava dopo di aver risposto con sicurezza alle domande che gli erano rivolte. Il vecchio evidentemente lo ammirava. "Sei divenuto un vero uomo tu!" esclamò. "Se tuo padre ti vedesse come se ne compiacerebbe". Anche Erlis sembrò di credere che il defunto suo padre si sarebbe compiaciuto nello scoprire nel figliuolo un tale uomo d'affari. Veramente, negli ultimi anni, il vecchio Erlis s'era lasciato convincere dalle ambizioni di Roberto ed aveva sperato di vederlo conquistarsi un grande nome nelle belle lettere. Ma da quel buon morto ch'era non protestava e Miller certo parlava in buona fede. Eppoi non v'era dubbio che al vecchio Erlis sarebbe bastato di sentire che Roberto era un uomo forte. La riuscita era l'importante e in qualunque campo sia. Avevano così parlato di tutto quello che li legava e ciò bastava per riannodare i nodi che la stessa vita aveva annodati e sciolti. Il vecchio gli dava del "tu" e ritornato alle abitudini puerili egli continuava a dare del "lei" al vecchio amico. Né l'uno né l'altro s'accorgeva della stranezza del costume. Eppure ambedue sapevano che il forte fra di loro era il solo Erlis. Miller era stato un buon impiegato ed ora percepiva una rendita che - come diceva lui - gli bastava. Aveva lavorato tutta la sua vita diretto e sfruttato dagli altri e solo nei più tardi anni aveva rimpianto d'essere stato troppo debole e inerte. Stavano per dividersi quando Erlis ebbe una idea. "Perché non verrebbe a pranzo da me?". Il vecchio esitò. Lo aspettavano a pranzo dalla cosiddetta sua padrona, quella cioè che gli dava a fitto la stanza e gli faceva da pranzo. Poi accettò. Erlis era molto insistente e al vecchio venne la curiosità di conoscere quella casa del giovine suo amico ch'egli considerava quale un milionario. Si andò al centro della città. Erlis amava di non perdere del tempo per recarsi ai suoi affari.

¹ Aluno do 4º ano da Licenciatura em Tradutores e Intérpretes.